

A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização¹

Antonio Hohlfeldt/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul² e

Fábio Flores Rausch/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul³

Resumo

O presente trabalho discute critérios de periodização para a história da imprensa, abordando especialmente a periodização para a história da imprensa sul-rio-grandense, tomando como base o período entre 1870 e 1930, caracterizado pela imprensa partidário-ideológica. Defende-se, aqui, que a periodização deva assumir referenciais estritamente vinculados à própria evolução da área, e não aqueles ligados a outras disciplinas ou campos de conhecimento, como a historiografia política ou social. Mais que isso, defende-se que a datação não pode se restringir a períodos estanques, uma vez que cada um deles se imbrica no anterior e no posterior.

Palavras-chave

História da imprensa Imprensa sul-rio-grandense Imprensa partidária

Introdução

O desenvolvimento da imprensa no Rio Grande do Sul, na passagem do século XIX para o XX, está intimamente vinculado a dois fatores: a luta político-partidária que se desenrola na província, inclusive com sangrentas conseqüências, como a Revolução de 1893; e o aporte de novas tecnologias que vão interferir diretamente na transformação da imprensa estritamente partidária em uma imprensa industrial, passando-se de uma produção artesanal para uma impressão absolutamente mecanizada.

Como essas transformações ocorrem simultaneamente, é importante ter-se clareza sobre os critérios de uma datação e periodização da história da imprensa, tanto no

¹ Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, entre 6 e 9 de setembro, na Universidade de Brasília, Distrito Federal.

² Doutor em Letras, professor de “Teorias da Comunicação” e de “Comunicação e opinião pública” no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. E-mail: hohlfeld@puers.br

³ Aluno bolsista PIBIC/CNPq, de iniciação científica, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. E-mail: fabio-rausch@secom.rs.gov.br

Brasil quanto no Rio Grande do Sul. Reconhece-se, assim, com o autor de um estudo recente, que *o surgimento da imprensa no Brasil acompanha e vincula-se a transformações nos espaços públicos, à modernização política e cultural de instituições, ao processo de independência e de construção do Estado nacional* (MOREL e BARROS, 2003,7).

Crítérios para uma periodização

Dentre três historiadores que sugerem periodizações para o estudo da imprensa sul-rio-grandense, nenhum atinge plenamente seus objetivos. Francisco Rüdiger fala em dois grandes regimes jornalísticos, o *político* e o *informativo*, mas termina trabalhando sub-períodos que alcançam, em última análise, cinco diferentes momentos (RÜDIGER, 1993).

Elvo Clemente, Jandira M. M. da Silva e Eni Barbosa mencionam três fases, a *inicial*, a da *consolidação* e a *moderna*, mas igualmente subdividem algumas delas em outras sub-fases (CLEMENTE, SILVA e BARBOSA, 1986). Esses dois trabalhos, além do mais, tomam como referências datas que pouco ou nada têm a ver com a própria história da imprensa, em sentido estrito.

Resta o trabalho curto, mas bem mais abalizado, de Sérgio da Costa Franco que, além de se valer de datas efetivamente vinculadas à história e à evolução da imprensa, não subdivide sua periodização em nenhuma sub-fase, justamente porque seus referenciais são mais objetivos (FRANCO, 2000, 123).

Ainda assim, a segunda fase por ele identificada ponteia entre 1850 e 1912, tendo como parâmetros o surgimento do primeiro jornal civil, o Correio do Sul, de 1852, e o surgimento da clichéria, em 1912. Na verdade, esse período tem pelo menos algumas nuances que nos levam a considerá-lo sob dois momentos diversos, ainda que parta, evidentemente, de referências da história da imprensa.

Pode-se, assim, começar pelo que se poderia chamar de *pré-história* da imprensa sul-rio-grandense a partir de 1827, data em que, graças a um decreto de Dom Pedro I, extinguindo a censura, surgiu boa parte da imprensa das províncias, inclusive a do Rio Grande do Sul, com o Diário de Porto Alegre (SODRÉ, 1977; VIANNA, 1977). Sérgio da Costa Franco admite, contudo, ter havido prelos inclusive com anterioridade à independência de 1822; assim, se considerarmos a imprensa em sentido lato, devemos levar

em conta esse dado; no nosso caso, em que consideraremos a imprensa em seu sentido estrito, ou seja, publicações periódicas informativas ou opinativas, vamos desprezar o dado.

Essa primeira fase se caracteriza pela efemeridade, pela generalizada falta de qualidade das publicações (admitem-se exceções, é claro), e pela relação de propriedade/editoria de seus responsáveis, ou seja, o *publicista* é o proprietário de um prelo e de uma coleção de tipos e divulga, em última análise, as suas próprias idéias.

Se considerarmos, portanto, a imprensa em seu sentido estrito, essa fase se inicia estritamente em 1827 e se caracteriza por publicações precárias e pouco qualificadas, desenvolvendo-se até 1835, quando explode a Grande Revolução;

b) surgiria, em seguida, uma imprensa revolucionária, compreendendo um período anterior à Revolução Farroupilha, entre 1830, mais ou menos, quando se radicalizam os sentimentos revolucionários, e 1845, quando a totalidade dos jornais publicados segue uma orientação determinada, a favor ou contra os rebeldes;

c) terminado o conflito, organiza-se uma imprensa partidária ou panfletária *civil*, que vai de 1850 até 1900, pelo menos, quando os proprietários e editores de periódicos se alinham obrigatoriamente a algum dos partidos políticos existentes, já que, sem tal vínculo, era quase impossível a sobrevivência financeira. Contudo, essa imprensa já não é mais exclusivamente partidária. É de se lembrar que, até então, inexistia a publicidade paga, capaz de sustentar uma publicação; essa fase começa a ser quebrada com o surgimento do Correio do Povo, em 1895, mas, especialmente, com o cansaço e o desgaste que os partidos políticos sofreram depois da Revolução de 1893, sobretudo porque o Partido Republicano Rio-grandense praticamente monopoliza toda a atividade partidária;

d) quase simultaneamente, estrutura-se uma imprensa literária, que se inicia ao final da década de 1860 e perdurará ao longo do século XIX e princípio do século seguinte, ainda que com variantes. Esse jornalismo vai dar o primeiro salto de qualidade, possibilitando os grandes jornais da época, que terão menor efemeridade que todos os seus antecedentes - é um dos períodos, portanto, que mais nos interessa, até porque será marcado pelo surgimento de revistas literárias, de publicações de caricatura e de forte crítica social e, enfim, pela imprensa operária;

e) a imprensa industrial começa com o surgimento da clicheria, em 1912, e perdurará ao longo de todo o século, praticamente até a década de 1960, quando um novo

processo, que é a composição a frio da *off set*, passa a ser aplicado pioneiramente pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Esse é o segundo período que nos interessa, porque será caracterizado pelo surgimento das revistas para a família e a diversificação das publicações, com a segmentação dirigida às mulheres, aos jovens, às crianças, etc. É também o período em que a competição com outras mídias, como o cinema e, mais tarde, o rádio, fará com que uma forte revisão técnica da imprensa seja perseguida pelos profissionais de então;

f) a imprensa empresarial, iniciada ainda ao longo do período do Estado Novo, culmina, na década de 1970, com a indústria cultural e a presença dos grandes grupos de comunicação. Nesse período, as empresas jornalísticas vão procurar se modernizar cada vez mais, adquirindo maquinário, ampliando a competição entre elas e, enfim, buscando uma crescente aproximação com o seu público, o que vai bem além da simples função jornalística da informação e da opinião;

g) a imprensa de massa se caracteriza pelo que Lúcia Santaella denomina de *redes midiáticas* (SANTAELLA, 1992), ou seja, a propriedade múltipla, por uma mesma empresa, de diferentes segmentos da comunicação social, como jornal e emissora de rádio, ou de televisão e, mais recentemente, projetos na rede internacional de computadores; esse período, inicia-se em torno dos anos 70 e perdura ainda agora;

h) a imprensa de divertimento, iniciada ao final da década de 1990, encontra-se, evidentemente, também em desenvolvimento (FONSECA, 2005). Caracteriza-se pelo ultrapassamento da função informativa-opinativa da imprensa, para priorizar a prestação de serviços e garantir boas horas de lazer e entretenimento, levando ao auge aquela quarta função preconizada pelo funcionalista Charles Wright para a imprensa e amplamente assumida pelos demais meios de comunicação social (WRIGHT, 1968).

O final do século XIX

Fixaremos nossa atenção no período compreendido entre o final da década de 1860 e o ano de 1937, quando Getúlio Vargas, o líder todo poderoso do Estado Novo, proíbe os partidos políticos e, por consequência, suas publicações, ao mesmo tempo em que amplia fortemente a censura à imprensa e dá novas funções ao DIP⁴.

⁴ O golpe do Estado Novo estava marcado para 15 mas foi antecipado para 10 de novembro de 1937.

Por que essa datação? O final da década de 1860, como se afirmou, está marcado pelo surgimento de jornais que introduzem o conceito de *empresa jornalística*, mesmo que alguns deles ainda vinculados a partidos políticos: seus diretores e editores sabem que precisam atender a demandas de seu público, adotando algumas práticas da maioria dos jornais do centro do país, como a publicação de *folhetins*, por exemplo. Assim é que os encontraremos em todas as publicações, independentemente de sua ideologia. Às vezes, um mesmo folhetim pode ser lido em diferentes jornais, inclusive de orientação ideológica diversa (HOHLFELDT, 2003).

O que se observa, portanto, é um deslocamento de acentuação, do emissor - um determinado tipógrafo resolve editar um jornal; ou um determinado partido político - para o receptor: mesmo os jornais partidários devem atender a determinadas demandas de seu público, além de divulgarem seus princípios ideológicos. Os jornais vinculados às novas comunidades étnicas - alemães e italianos, principalmente - e aqueles dirigidos ao leitor mais segmentado, seja o intelectual ou a jovem senhora de família, além dos jornais operários, nada mais fazem que enfatizar essa nova perspectiva. É *para* e *com* o receptor que os novos editores e proprietários de publicações se dirigem e se preocupam.

É em 16 de junho de 1869 que começa a circular *A Reforma*, jornal vinculado ao Partido Liberal de Gaspar Martins, e que permanecerá em circulação, mesmo enfrentando a forte repressão do governo de Júlio de Castilhos, após a Revolução Federalista de 1893-1895, até o ano de 1912. Em 1856, contudo, já acontecera a primeira publicação literária da província, *O Guahyba*, devida, dentre outros, ao *brummer* Carlos Jansen, seguindo-se *Murmúrios do Guaíba*, em 1870.

Em 3 de março de 1874, estréia o *Mercantil*, que perdurará até fins de 1897. Ele era originalmente simpático ao Partido Conservador; defendeu a campanha abolicionista, mas se colocou francamente contra a idéia da república e a favor da manutenção da monarquia.

A Federação, fundado por Júlio de Castilhos para ser o baluarte de vitória e de manutenção do poder do Partido Republicano Rio-grandense, é de 1º de janeiro de 1884, depois de cuidadosamente planejado, já que experiências anteriores haviam fracassado.

Durará até 1937, quando é extinto por ato censorial, ainda que já se encontrasse em decadência desde após a Revolução de 1930⁵.

O Jornal do Comércio surge em 1865 e também sobreviverá até 1912, seguindo muito de perto a linha de seu homônimo carioca, tornando-se uma das publicações culturalmente mais importantes da província⁶. Deve-se mencionar, ainda, A época, jornal vinculado à Igreja Católica, de 1887, e que terá importante papel de difusão ideológica em determinado momento da vida política da província, especialmente na luta pela hegemonia republicana contra o Partido Liberal, ao final do século XIX.

Por fim, O Rio Grande, jornal ligado à dissidência republicana, contrária a Júlio de Castilhos, também participará da disputa ideológica do final daquele século, tendo à frente Ramiro Barcellos e Assis Brasil.

Deve-se acrescentar, enfim, os jornais vinculados aos novos grupos étnicos presentes na província, como os alemães, com o jornal católico Deutsches Volksblatt, de 1871; o Deutsche Post, evangélico, de 1880; e, sobretudo, o combativo Koseritz Deutsche Zeitung, de Karl von Koseritz, que se alinha entre os liberais e em defesa dos interesses da colônia alemã (a partir de 1881). Os italianos, por seu lado, chegaram a partir de 1875, já publicam seus jornais desde pelo menos 1883, com o Il Veinte Settembre, de Pelotas; ou L'operaio italiano, de Porto Alegre, a partir de 1899.

A imprensa caricata, de seu lado, estreara com A sentinela do sul, de Júlio Timóteo de Araújo e Manuel Felisberto Pereira da Silva, em julho de 1867, perdurando o jornal durante dois anos, logo seguido por O Charivari, a partir de 1877, dirigido pelo polêmico Miguel de Werna, e que não duraria mais que um ano, ainda que Werna multiplicasse suas publicações dali em diante, destacando-se especialmente com O século, entre 1880 e 1893.

É também de 1869 o início da publicação cultural mais importante da província ao longo do século XIX, a Revista do Partenon Literário, que circulará até 1879, ainda que com pequenos intervalos. A próxima publicação semelhante será a A Revista do

⁵ A imprensa republicana tivera antecedentes, no Rio Grande do Sul, com os jornais A democracia (1872-1874 ou 1875), A reação (1878), A imprensa (1880-1882) e A convenção (1883-1884), segundo RÜDIGER, Francisco Ricardo – “A Federação e o processo político-ideológico rio-grandense (1884-1937) in Comunicação & Cultura, Porto Alegre, Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1984, nº 1, ps. 12 a 21.

⁶ É ao segundo de uma série de três publicações de mesmo título aquele a que aqui nos referimos.

Globo, que começará a circular em torno de 1930, e que circulará ao longo de mais de três décadas. Essa publicação será uma síntese, na verdade, das revistas literárias e culturais com aquelas de ilustração e de amenidades, cujo sucesso começa em 1912, com a Kodak, graças ao surgimento da clichéria, que permite a fotografia. À Kodak, que circula entre 1912 e 1914, seguir-se-á, dentre outras, a Kosmos, que estará presente entre 1925 e 1926, substituída, mais tarde, como se disse, pela Revista do Globo.

O desenvolvimento urbano, que se iniciara após o período da Grande Revolução (1835-1845) tem como conseqüência o dinamismo da imprensa dos municípios do interior do estado. Logo após a revolução, a imprensa surge com força em localidades como Rio Grande – então um centro significativo na província: levantamento feito entre 1845 e 1850, indica nada mais nada menos que 28 jornais, evidentemente todos de vida efêmera, mas que não deixa de causar espanto a quem acompanhe tal história. São jornais variados, entre o informativo, o partidário e o cultural, mas que evidenciam a dinamicidade do momento. Pelotas e São Gabriel são os outros municípios identificados (CLEMENTE, SILVA e BARBOSA, 1986, 96).

É a partir de 1850, contudo, que efetivamente ocorre a diversificação da imprensa interiorana, com jornais editados em Alegrete, Alfredo Chaves, Arroio Grande, Bagé, Barra do Ribeiro, Bento Gonçalves, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Cacimbinhas (hoje Pinheiro Machado), Canguçu, Carazinho, Caxias do Sul, Cruz Altas, Dom Pedrito, Encruzilhada do Sul, Erechim, Estrela, Getúlio Vargas, Herval, Itaqui, Jaguarão, Jaguari, Júlio de Castilhos, Lageado, Lavras do Sul, Lagoa Vermelha, Novo Hamburgo, Palmeira das Missões, Passo Fundo, Pedras Brancas (atual Guaíba), Pelotas, Nova Prata, Quaraí, Rio Grande, Rio pardo, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santa Vitória do Palmar, Santana do Livramento, Santo Amaro, Santo Ângelo, Santiago, São Borja, São Francisco de Assis, São Francisco de Paula, São Gabriel, São Jerônimo, Camaquã, Montenegro, São José do Norte, São Lourenço, São Luiz Gonzaga, São Martinho, São Pedro do Sul, São Sebastião do Caí, São Sepé, Taquara, Tupanciretã, Uruguaiana, Vacaria, Viamão, Rosário do Sul, etc.

Deve-se lembrar que os clubes de leitura – muitas vezes situados nos próprios clubes sociais – ou bibliotecas públicas, contribuíram concretamente para a difusão da leitura em geral e, especialmente, a leitura de jornais, já que se podia passar

algumas horas em qualquer uma dessas instituições, lendo-se gratuitamente, sem ser incomodado (FERREIRA, 1973).

Características

Desse rápido levantamento, pode-se, então, fazer uma síntese de questões a se discutir sobre aquele período, a saber:

a) uma tentativa de periodização pode indicar uma data de início de um período, uma tendência ou uma prática, mas raramente tem como fixar-se numa data de final de tal período;

b) boa parte dos períodos ou tendências ou práticas, por isso mesmo, se cruzam e são contemporâneas, sem permanecerem exclusivas;

c) o período específico de 1870 a 1937 (com as variantes já indicadas) se caracteriza

I) pela introdução da imprensa industrial, isto é, com proprietários e empresas jornalísticas que, independentemente de seu alinhamento ideológico e partidário, necessitarão da publicidade e da assinatura do periódico para sobreviverem; assim, comportam-se enquanto empresas, buscando lucros além da publicização das idéias e princípios de seus proprietários; até mesmo os jornais claramente partidários, como A Federação, constituem-se enquanto empresas e necessitam de capital a ser integrado por seus apoiadores, bem como de atrativos para os seus leitores, atrativos que devem ir além daqueles vinculados mais diretamente ao partido;

II) pela multiplicação de tendências e públicos a serem atendidos e atingidos pela imprensa, seja do ponto de vista ideológico, seja do ponto de vista da segmentação populacional, devendo-se isso especialmente ao crescimento da alfabetização⁷ e à urbanização da província; assim, à imprensa industrial, em sentido estrito, soma-se a imprensa partidária, a imprensa literária, a imprensa cultural em geral, a imprensa feminina,

⁷ Quando da proclamação da república, em 1889, o Rio Grande do Sul possui 72% de analfabetos nas cidades, e na campanha chega a 90%. Não obstante, o panorama será mudado rapidamente nos anos seguintes, e, de qualquer forma, a taxa de alfabetizados já é suficiente para a multiplicação das publicações na província. Desse final de século, aliás, são a criação da Escola Normal e o Ateneu Rio-grandense (1871), o Liceu Rio-grandense de Agronomia e Veterinária, a Escola Prática de Agricultura, a Escola Militar e a Escola Prática de Tática e Tiro. Fechava-se, assim, o ciclo virtuoso da criação das grandes instituições urbanas, iniciado na década seguinte ao final da Revolução Farroupilha, com o Instituto Histórico e Geográfico, o Theatro São Pedro, as bibliotecas Riograndense e Pelotense, bem como a Biblioteca Pública de Porto Alegre. Em 1885, Porto Alegre possui 85 jornais em circulação! Num segundo movimento, o final da década de 1920 terá

as publicações dirigidas às crianças e aos jovens, as revistas ilustradas para toda a família, as publicações de caricaturas e charges e, enfim, jornais e revistas operários e de trabalhadores, além daqueles dirigidos aos novos colonizadores e, por isso mesmo, escritos em seus idiomas de origem;

III) pelo aumento significativo das tiragens e pela estabilidade das publicações: salvo algumas exceções, os jornais e revistas experimentam circulações largas, em termos da época, graças a novas faixas de leitores, recém-alfabetizados ou urbanizados, ou em processo de alfabetização e urbanização, e que passam a ter interesse em tais publicações; como tais, os periódicos, que já sobrevivem da publicidade e, sobretudo, da assinatura, terminam por experimentar uma vida mais longa;

IV) pela prioridade dada ao leitor, à catequese ideológica ou partidária se soma o espaço de lazer e de divertimento, a publicação de cartas de leitores, o acompanhamento da vida cotidiana da cidade, inclusive com denúncias sobre problemas esquecidos pela autoridade, como é o caso da Gazetinha (1891 a 1900), que chega a fazer campanhas contra a prostituição e a favor da abertura e do calçamento de novas ruas no centro da cidade;

V) pela crescente importância dada à informação que, durante a ênfase da imprensa partidária, ainda convive com o proselitismo político-partidário, mas que, a partir da ascensão do Correio do Povo, ganha definitivamente prioridade, convivendo com os espaços de lazer e de publicidade que igualmente se afirmam nas páginas dos jornais;

VI) pela participação dos jornais nos grandes acontecimentos da época, que encampam e lideram, seja a campanha abolicionista, seja a republicana, às vezes até a radicalidade de defender uma revolução, como ocorreu por três vezes, ao menos, ao longo desse período, em 1893, em 1924 e em 1930; além de acontecimentos extraordinários, como o episódio dos Mucker, em 1874, na localidade do Ferrabrás, em São Leopoldo; ou o do Contestado, de 1915, que acabou envolvendo o estado. Ou seja, os jornais, estritamente partidários ou não, alinham-se junto aos principais debates da nacionalidade;

VII) pela modificação dos formatos e da quantidade de páginas das publicações, notadamente dos jornais que abandonam o formato tablóide e fixam-se nas dimensões *standard*, o que só será novamente modificado a partir da década de 50 do século XX. Ao mesmo tempo, os jornais ganham corpo, deixando as tímidas quatro para chegarem a 16 ou até mesmo 32 páginas diárias;

VIII) pela continuada e perseverante intervenção das autoridades sobre as publicações, quer através da simples censura ou da perseguição policial, quer através dos assassinatos e dos empastelamentos das redações, como ocorrerá especialmente no decênio de 1890, antecedendo e seguindo-se à Revolução Federalista (RUSSOMANO, 1976, 261/2; FLORES, 1993, 63, 67, 107 e 121). O processo, aparentemente superado no início do XX, é retomado com a Revolução de 30 e especialmente com o golpe do Estado Novo; não obstante, é desse momento, a partir da Constituição Estadual de 1891, inteiramente redigida por Júlio de Castilhos, que a liberdade de imprensa é inscrita na carta magna do Rio Grande do Sul (RUSSOMANO, 1976, 354; 209 e 212).

IX) pela crença numa espécie de *poder mágico das palavras* (...) *capazes de, por si só, provocarem mudanças na sociedade*, conforme um estudioso (FÉLIX in POSSAMAI, 1993, 52);

X) ao nível do lazer e do divertimento, a incorporação do chamado *romance folhetim*, às vezes até mesmo com duas narrativas por dia numa mesma edição, além da incorporação de piadas e charges, o que torna a publicação mais leve e atrativa, aproximando-a do moderno conceito de imprensa de variedades;

XI) pela disseminação da imprensa em todos os centros de desenvolvimento e urbanização, inclusive no interior da província.

Período de modificações cruciais

Por tudo isso, pode-se afirmar que o período entre 1870 e 1937 é de radical modificação na história da imprensa sul-rio-grandense, bem como na brasileira, ainda que não se deva falar em ruptura total de modelos ou abandono de certas práticas. Pode-se, antes, citar a convivência, com maior ou menor beligerância, de práticas de tendências pré-existentes e que perdurarão durante o período, ao lado de outras tantas que surgem e

terminam por se afirmar durante essa época, caracterizando um processo híbrido de desenvolvimento da imprensa entre nós, como de resto em todo o Brasil.

Tomemos alguns exemplos para ilustrar nossas afirmações:

- levantamento feito junto aos jornais porto-alegrenses indicou a forte tendência à publicação de folhetins, que começa na década de 1850 e atinge seu auge nas décadas de 1880 e 1890, sendo, nessa primeira década, editados 112 obras e, na seguinte, 73, principalmente textos franceses traduzidos, de tendência romântica. No entanto, à medida em que o gênero se firma no gosto popular, começam a ser divulgados textos norte-americanos, ou mais realistas, e inclusive se abrem espaços para autores locais;

- o debate político-partidário existente nas páginas dos jornais sul-rio-grandenses coloca o jornalismo local em destaque na comparação com o do restante do país. Assim, sobre A Federação, se reconhece ter sido o grande propagandista da república, pois é a partir de suas páginas que Júlio de Castilhos *forja a questão militar* que terminaria desgastando o trono imperial junto aos militares, mesmo que o golpe de 1889 tenha praticamente marginalizado aos republicanos gaúchos (RUSSOMANO, 1976, 195; FLORES, 1993, 13 e 16; MORAES, 1959, 157; SOARES, 1996, 65; franco, 1996, 46/47 E 48); e sobre a imprensa liberal, notadamente A Reforma e o Koseritz Deutsche Zeitung, ter defendido fortemente as idéias originais do liberalismo, mesmo contra as posições polêmicas e contraditórias dos Ministérios que se sucediam no Rio de Janeiro, assumindo a centralização da administração imperial, mas, ao mesmo tempo, defendendo os interesses dos grandes setores senhoriais agrícolas e pecuários da província, bem como abrindo o debate nacional sobre o direito ao voto dos não-católicos, defendido por Gaspar Martins (FÉLIX, 1993 e ISAIA, 1988);

- se levarmos em conta a afirmação de Gramsci, segundo a qual *a imprensa integra a estrutura ideológica da classe dirigente* (1982), pode-se afirmar que os jornais do final do século XIX expressaram fundamentalmente o pensamento das elites sul-rio-grandenses, fossem elas conservadoras ou não. O grande debate, contudo, é que, enquanto a imprensa liberal manteve-se presa a tradições conservadoras, A Federação soube perceber os novos segmentos populacionais e urbanizados que surgiam, integrando-os a seu discurso e falando para eles e em nome deles. Daí o sucesso do PRR - Partido

Republicano Rio-grandense, ainda que seu domínio da política gaúcha não se deva, evidentemente, apenas a essa prática eficiente;

- por outro lado, o final do século XIX assistiu e participou de uma forte disputa entre duas classes dirigentes, aquela antiga, dos grandes proprietários quase feudais da pampa, rurais e aristocráticos, que duvidavam do voto e da capacidade da população, e uma outra, mais vinculada a uma nova ordem, surgida com o fim da escravidão, e que precisava incorporar as novas massas populacionais centralizadas especialmente nas cidades. Quando entramos no século XX, o domínio do PRR apenas reflete uma realidade que haveria de se expandir e afirmar, que era a realidade das ruas dos centros urbanos, de Pelotas a Porto Alegre, de Santa Maria a Passo Fundo, de Quaraí a Caxias do Sul, e de novos segmentos populacionais como os operários e os descendentes daqueles primeiros colonizadores alemães ou italianos, aqui chegados ao longo do século anterior. Pela primeira vez, efetivamente, as lideranças políticas e intelectuais, impulsionadoras da opinião pública, tinham veículos eficazes colocados a seu dispor, o conjunto de publicações da imprensa sul-rio-grandense. Mais que nunca, aqui, o princípio detectado por Gabriel Tarde (1992) a respeito da formação dos públicos, fazia-se real: as grandes massas, em princípio anônimas, por ação da imprensa, haviam se transformado em um público influente, capaz de decidir por si próprio os seus destinos, como o comprovaria, por exemplo, a primeira grande greve de 1917 (BODEA e PETERSEN in DACANAL e GONZAGA, 1979, 277);

- o último jornal que se pode classificar como político-partidário, em sentido estrito, foi O Estado do Rio Grande, que circulou de 1929 a 1961, publicação vinculada ao Partido Libertador, que sucedera ao Partido Federalista. Na avaliação de Francisco Rüdiger, o conjunto de modificações sofridas pela sociedade e a conjuntura político-econômica do estado, e que discutimos acima, influenciou fortemente o jornalismo sul-rio-grandense, que *entrou em progressiva crise, ao cabo da qual terminaria desaparecendo (...). As suas condições históricas de possibilidade começaram a se desintegrar, retirando a estrutura necessária a sua reprodução* (RÜDIGER, 1993, 39).

Para concluir

Têm razão Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros ao afirmarem que *trata-se, portanto, de época marcadamente híbrida entre práticas e valores ainda consagrados ao que se passava a chamar de Antigo Regime, e outros, que se pretendiam modernos* (MOREL e BARROS, 2003, 11).

Pode-se dizer que o período é marcado por tantas e as mais diferentes práticas jornalísticas justamente porque é um período tanto de confluência histórica quanto de confluência cultural. De qualquer modo, é desse conjunto de práticas e de mudanças que nascerá o Rio Grande e a imprensa sul-rio-grandense do século XX.

Referências

- BARCELLOS, Rubens de. **Estudos rio-grandenses**, Porto Alegre: Globo, 1960.
- FÉLIX, Loiva Otero. “Pica-paus e maragatos no discurso da imprensa castilhistas” in POSSAMAI, Zita. **Revolução de 93**, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**, Porto Alegre: Globo, 1962.
- FERREIRA, Athos Damasceno. **Gabinetes de leitura e biblioteca no Rio Grande do Sul no século XIX**, Porto Alegre, Correio do Povo/Caderno de Sábado. 1973.
- FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre no séc. XIX**, Porto Alegre:EDUFRGS, 1975.
- FERREIRA FILHO, Arthur. **História geral do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: Globo, 1960.
- FLORES, Moacyr (Org.). **1893-1895 A revolução dos maragatos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- FRANCO, Sérgio da Costa. “Porto Alegre na guerra civil: o ‘combate’ dos cafés” in POSSAMAI, Zita. **Revolução de 93**, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**, Porto Alegre:EDUFRGS: 1996.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**, Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.
- FREITAS, Décio. **O homem que inventou a ditadura**, Porto Alegre:Sulina, 2000.
- GRAMSCI, Antonio – **Os intelectuais e a organização da cultura**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1982.
- HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve certo por linhas tortas** – O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: Novo Século, 2002.

- LIMA, A. G. **Cronologia da história rio-grandense**, Porto Alegre: Globo, sem data.
- MACHADO, José Olivado. **Rio Grande do Sul no período republicano**, Santo Ângelo: Itambé, 1973.
- MARÇAL, João Batista. **A imprensa operária do Rio Grande do Sul – 1873-1974**, Porto Alegre: Ed. do Autor, 2004.
- MAUCH, Cláudia. “A manutenção da ordem pública: Porto Alegre e a revolução” *in* POSSAMAI, Zita. **Revolução de 93**, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- MORAES, Carlos Dante de. **Figuras e ciclos da história rio-grandense**, Porto Alegre: Globo, 1959.
- MOREL, Marco et BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**. O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX, Rio de Janeiro, D&PA. 2003.
- MORITZ, Gustavo. **Acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul – 89 – 90 – 91**, Porto Alegre:Thurman,1939.
- MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS. **Júlio de Castilhos**, Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/EMMA, 1978.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução federalista**, São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874/1940)**, Porto Alegre: EDUFRGS/FAPERGS, 1989.
- PIANTA, Dante. **Personalidades rio-grandenses**, Porto Alegre: Ed. do Autor, 1962.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre:ERUS, sem data.
- POSSAMAI, Zita (Org.). **Revolução de 83**, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- REVERBEL, Carlos. **Maragatos e pica-paus – Guerra civil e degola no Rio Grande**, Porto Alegre: L&PM, 1985.
- RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **Castilhismo – Uma filosofia da República**, Porto Alegre/Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- ROSA, Othelo. **Júlio de Castilhos: Perfil bibliográficos e escritos políticos**, Porto Alegre: Globo, 1928.
- RÜDIGER, Francisco . **Tendências do jornalismo**, Porto Alegre:EDUFRGS, 1993.
- RUSSOMANO, Victor. **História constitucional do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. 1976.
- SCHNEIDER, Edison. “Bombardeio a Porto Alegre, um antecedente à revolução” *in* POSSAMAI, Zita. **Revolução de 93**, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

SILVA, Jandira M.M. da; CLEMENTE, Elvo et BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**, Porto Alegre: CORAG, 1986.

SOARES, Mozart Pereira. **Júlio de Castilhos**, Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1996.

SPALDING, Walter. **Construtores do Rio Grande**, Porto Alegre: Sulina, 1969, vol. II.
